

Ordem otimista com inversão significativa na procura de engenharia

O bastonário da Ordem dos Engenheiros manifestou hoje o seu otimismo face à "inversão significativa" na 1.ª fase de acesso ao ensino superior, que registou um aumento de candidatos e colocados em cursos de engenharia.



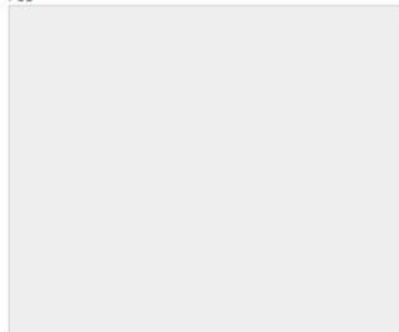
Lusa

PAÍS ENSINO SUPERIOR

HA 11 HORAS
POR LUSA

"Há uma inversão significativa. O país começa a ter consciência de que precisa deste tipo de profissionais e estes profissionais só vão entrar no mercado daqui a cinco anos", disse à Lusa Carlos Matias Ramos.

PUB



Os cursos de engenharia recuperaram este ano candidatos e colocados na 1.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior, contrariando uma tendência de quebra na procura registada em anos anteriores.

De acordo com os dados divulgados hoje pela Direção-Geral do Ensino Superior (DGES), das 9.037 vagas levadas a concurso para as áreas de engenharia na 1.ª fase houve 7.855

candidatos a concorrer a esses lugares em 1.ª opção, 6.700 alunos colocados e 2.342 vagas sobrantes.

A taxa de ocupação de vagas este ano ronda os 75%, melhorando significativamente face aos anos anteriores, nos quais se tinha vindo a acentuar uma quebra da procura por cursos nesta área.

Em 2014 os cursos de engenharia abriram 9.022 vagas, o mesmo número de lugares disponibilizados em 2013, mas houve menos 401 estudantes a optar por um curso desta área como 1.ª opção, face aos 5.904 que o fizeram em 2013.

Numa análise aos dados relativos aos cursos de engenharia civil, a área que mais alunos

0

G+1

perdeu nos últimos anos no campo da engenharia, o bastonário referiu que o número de colocações em 1.ª fase "mais do que duplicou" face a 2014, mas disse também que "83% dessas colocações foram na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e no Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa", deixando desertas as instituições do interior.

A preferência dada a estas duas instituições em detrimento de outras, que não conseguiram colocar qualquer aluno nesta fase, explica-se, segundo Carlos Matias Ramos, com o facto de as duas universidades serem encaradas como "uma marca" com grande capacidade de colocação de profissionais no mercado de trabalho.

"É mais fácil colocarem-se no mercado e os alunos têm uma tendência para ir para essas escolas. As outras são mais recentes Os politécnicos foram penalizados, quase todos com zero candidatos", disse.

O bastonário da Ordem dos Engenheiros acredita que os projetos previstos no âmbito do programa europeu Horizonte 20/20 e no Plano Estratégico dos Transportes será necessário muito trabalho de engenharia e defendeu que "o país tem que perceber que não é com áreas que não sejam tecnológicas que vai crescer, que se vai desenvolver".

Dos mais de 48 mil candidatos a uma vaga nas universidades e politécnicos públicos cerca de 42 mil conseguiram um lugar, mas apenas metade conseguiu entrar no curso a que concorreu em 1.ª opção.

Das 50.555 vagas levadas a concurso na 1.ª fase sobraram 8.714, que ficam agora disponíveis para a 2.ª fase, com arranque marcado para segunda-feira.

Os resultados da 1.ª fase estão disponíveis no portal da DGES em <http://www.dges.mctes.pt>.